



ELA É A PRÓXIMA  
VÍTIMA.

# CONFISSÕES

OS CRIMES DOS COLÉGIOS PRIVADOS

N.º 1 EM TODO O MUNDO

**JAMES  
PATTERSON**

MAIS DE 305 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

e MAXINE PAETRO

**TOP  
SEL  
LER**



# **PRÓLOGO**



# 1

Não passou assim muito tempo desde a minha última confissão, mas já tenho tanta coisa para lhe contar. Aviso desde já que grande parte não é agradável.

A minha história começa com as mortes catastróficas de Malcolm e Maud Angel. Eles não eram apenas aqueles *socialites* nova-iorquinos abastados mencionados no *New York Times*.

Eram os meus pais. Estão mortos. Morreram há três meses, na sua própria cama, em circunstâncias muito estranhas, deixando-me a mim e aos meus irmãos arrasados e falidos.

Já para não dizer, suspeitos de assassinio.

Acabámos por ser ilibados do crime — depois de eu ter descoberto provas cruciais para o caso. Portanto, meu caro, qual é que acha que é a probabilidade de acontecer mais algum crime chocante e macabro na minha vida? Ah, aí de uns cem por cento, e posso dizê-lo com segurança total.

Porque já aconteceu.

O meu irmão Matthew foi acusado de ter matado Tamara Gee, a sua namorada atriz de 24 anos, e o filho que carregava no ventre. Só para tornar as coisas ainda mais escandalosas, depois da morte dos meus pais, Tamara anunciou à comunicação social que tinha sido infiel — com o *meu pai*.

Bons tempos.

E é assim que chegamos ao dia de hoje, que na verdade não é a melhor altura para estar a relembrar o passado. Tive de pôr uma expressão otimista pelo Matthew, a quem vim fazer uma visita.

À prisão.

Nas profundezas da infame cadeia de Nova Iorque, conhecida (e com razão) como «As Catacumbas», sustive a respiração quando um guarda corpulento me conduziu por um longo corredor cinzento de tijolos de cimento que tresandava a urina e a suor e me indicou uma cadeira articulada do lado de fora de uma cela de acrílico.

— Aguarde.

Assim fiz. E comecei imediatamente a brincar de modo nervoso com os botões do meu casaco de marinheiro. O início do julgamento de Matthew estava marcado para dali a poucos dias, e eu encontrava-me naquele local para lhe dar más notícias. O seu supostamente inabalável álibi para a noite do homicídio de Tamara tinha acabado de implodir por completo. Senti-me agoniada, só de pensar no que poderia acontecer-lhe a ele e, por conseguinte, ao que restava da nossa família.

As minhas mãos tremiam. Dantes, eu era a imagem da calma em toda e qualquer circunstância, mas ultimamente sentia-me tão im-preparada, que me era difícil lembrar-me de como os entorpecedores comprimidos que os meus pais me davam todos os dias me mantinham as emoções sob controlo.

Ouvi o eco de passos que se aproximavam, vindos de algum sítio por detrás das paredes de cimento. Não havia, ainda, sinal de Matthew. Dobradiças a guinchar e um metal a roçar em pedra. Uma porta a fechar-se com estrondo e a ser trancada. Cada som era mais desesperante do que o anterior.

Finalmente, a porta ao fundo da cela em acrílico abriu-se e Matthew entrou a arrastar os pés, com um guarda fardado mesmo atrás dele.

Talvez se recorde da altura em que Matthew Angel ganhou o Heisman, de o ver subir ao palco com um sorriso de satisfação e erguer o pesado troféu sobre a cabeça, enquanto disparavam os *flashes* das máquinas fotográficas. Talvez o tenha visto a dar o pontapé de saída pelos New York Giants, a cravar a bola atrás da linha final e a levantar o punho aos céus. No mínimo dos mínimos, é provável que o conheça como o rapaz do anúncio das sopas. Matthew Angel tem sido sempre o tipo que todos os estudantes do Pop Warner desejam ser: um atleta

famoso e heroico, cheio de músculos, sorrisos e velocidade bem treinada. Um deus do futebol americano.

Essa pessoa estava agora irreconhecível. Matthew tinha sido transformado num potencial brutamontes vestido de fato-macaco cor de laranja, com os pulsos algemados a uma corrente à volta da cintura e grilhetas em redor dos tornozelos.

O meu antes presunçoso irmão estava demasiado envergonhado e infeliz para olhar sequer para mim, quando o guarda lhe pousou uma mão pesada no ombro e o forçou a sentar-se numa cadeira, antes de lhe tirar as algemas.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Era uma sensação a que ainda estava a habituar-me.

Matthew conseguiu esboçar um sorriso e depois inclinou-se para junto da grade instalada na parede de vidro.

— Olá, Tandy. Como é que estás? Como é que estão os miúdos?

Os nossos irmãos, Harrison e Hugo. Mesmo no auge da sua desgraça, Matthew não deixava de pensar neles. Em mim. Derramei uma lágrima. Limpei-a antes que ele pudesse erguer os olhos e detetar qualquer fraqueza.

Respirei fundo.

— Matthew, preciso de te dizer uma coisa.

## 2

— É sobre os teus amigos, Matty — disse eu, através da grade. — Os que juraram que estavam a jogar póquer contigo quando a Tamara foi morta. Dizem que mentiram para te proteger, mas agora tiveram uma crise de consciência qualquer. Disseram ao Philippe que não vão mentir sob juramento.

Sustive a respiração e esperei pela inevitável explosão. Embora Matty tivesse uma postura educada e impecável em público, nós, no seio da família Angel, sabíamos que ele podia passar-se a qualquer momento. «Com tendência a reações violentas», era a expressão médica.

Mas naquele dia o meu irmão limitou-se a pestanejar. Tinha os olhos pesados de tristeza e confusão.

— Posso ter sido eu, Tandy — balbuciou, por fim. — Não sei.

— Ora, Matthew, vá lá! — retorqui, com o pânico a rumorejar pelo meu peito acima. — Tu *não* mataste a Tamara.

Ele inclinou-se para mais perto da grade, com a mão tão espalmada contra o vidro que a palma até ficou branca. — Eles estão a dizer a verdade, Tandy. Só estivemos umas duas horas a jogar póquer. Eu não estava com eles à hora em que o médico legista disse que a Tamara foi morta.

Comprimi os lábios com a força que me foi possível para conter a raiva. Já para não falar da minha confusão e terror abjeto.

— O quê? Onde é que foste?

Ele abanou a cabeça.

— Nem sei. A um bar qualquer? Embebedei-me e nem sei como consegui chegar a casa. É tudo uma imagem vaga. — Pressionou os pulsos contra as têmporas e sugou um pouco de ar antes de

prosseguir. — Só sei que me meti na cama com ela e que, quando acordei, ela estava morta. Todo eu era sangue, Tandy. Havia sangue por todo o lado. E não me lembro do que aconteceu antes disso.

Fitei-o, estarrecida. Pela primeira vez na vida, não fazia ideia do que dizer.

Mas a verdade é que essa hipótese não estava completamente posta de lado. Na altura em que Tamara foi morta, ele ainda andava a tomar os pequenos preparados da Angel Pharma feitos por Malcolm e Maud — cocktails especiais produzidos na empresa de medicamentos fundada pelo meu pai —, o que o fazia ter tendência não só a reações violentas e episódios dementes, como também a perdas de memória.

Olhei para as minhas mãos. Enquanto ganhava coragem para fazer a pergunta para a qual precisava de resposta há semanas, as mãos tremiam-me.

— Porque é que não me contaste que a Tamara estava morta, Matty? — Arrisquei um olhar de relance aos seus olhos. — Nesse dia, foste para casa. Passaste a tarde inteira connosco. Nem por uma vez sentiste necessidade de dizer «Ah, é verdade, pessoal, hoje de manhã encontrei a Tamara sem vida»?

Matthew comprimiu os pulsos nos olhos.

— Estava em estado de choque — disse ele. — E estava aterrorizado, percebes? Não sabia o que tinha acontecido. E vocês já tinham sido apertados pelo representante do Ministério Público, graças ao Malcolm e à Maud. Pensei que... Pensei que...

De repente, bateu com a mão contra o vidro e a parede estremeceu.

— Cuidado! — rosnou o guarda.

— Pensaste *o quê?* — perguntei, num tom calmo.

Ele abanou a cabeça.

— Acho que pensei que, se simplesmente o ignorasse, aquilo haveria de desaparecer de alguma maneira. Não queria mais olhos postos em nós. — Tinha lágrimas nos olhos quando finalmente olhou diretamente para mim. — Talvez tenha sido mesmo eu, Tandy. A loucura corre-nos nas veias, não é?



— Nas minhas, não, Matty. Já não. — Respirei fundo. — Hoje em dia já não cometo loucuras.

— Ora, já és louca que chegue.

E foi então que, assim do nada, Matthew desfez-se em lágrimas. Nunca na minha vida o tinha visto chorar.

— Eu estava bêbedo. Não sei de que outra maneira o pudesse ter feito — disse ele, por entre soluços. — Se pudesse ver o apartamento mais uma vez... talvez... se eu pudesse lá voltar, talvez conseguisse lembrar-me. Meu Deus, eu só queria ter dinheiro para a fiança. Já falaste com o tio Peter? Ele tem alguma forma de arranjar o dinheiro?

Abanei a cabeça, com um nó na garganta.

— Estamos completamente falidos, lembras-te? E a tua fiança é de cinco milhões de dólares. — Comprimi a palma da mão contra o vidro, mais ou menos no mesmo ângulo em que estava a dele, como se aquela ligação nos aproximasse mais. — Por favor, para de dizer que podes ser culpado, Matty. Não pode ser verdade.

A porta atrás dele abriu-se com um rangido.

— Acabou o tempo — disse o guarda.

— Desculpa, miúda. — Matthew lançou-me aquilo que me pareceu um pedido de desculpas em forma de sorriso, enquanto era puxado dali para fora. A porta fechou-se com estrondo atrás deles e eu fiquei ali sentada, estarrecida.

— Vai ficar cá a dormir? — perguntou o guarda parado atrás de mim. Levantei-me e percorri de modo enérgico o corredor à frente dele, fingindo que não estava completamente destruída por dentro.

Quando saí das catacumbas, a luz forte do sol deixou-me os olhos a arder. Semicerrei os olhos para chamar um táxi na Baxter e fechei a porta com tanta força que o carro até chocalhou.

— Leve-me a casa, por favor — pedi ao taxista.

Pelo retrovisor, ele trespassou-me com os seus olhos negros.

— Quer que adivinhe onde mora?

— No Dakota — respondi com maus modos. — Arranque, vá.

O táxi deu um solavanco em frente e seguimos para a alta da cidade.



# CONFISSÃO

Há uma coisa que tenho andado a evitar. Uma coisa que nunca admiti a ninguém. Quase nem a mim mesma. Mas isto é uma confissão, portanto vou confessar. Aqui vai.

Não estou completamente segura em relação ao que sinto acerca desta coisa de ter emoções.

Já sei, já sei. Fui eu que me passei da cabeça quando me apercebi de que os vários comprimidos que os meus pais me davam a mim e aos meus irmãos todas as manhãs eram, na verdade, drogas de eficácia comprovada da Angel Pharma, alteradoras do estado de espírito, da mente e do corpo. Fui eu que exigi que Harry ressacasasse comigo para podermos recuperar o controlo das nossas vidas, das nossas cabeças e talvez até mesmo das nossas almas.

Mas aqueles comprimidos corrompiam a nossa própria essência — tudo o que nos tornava humanos. Quer dizer, quando vi os cadáveres dos meus pais contorcidos na cama deles, nem sequer chorei. Não senti angústia nem perda, senti-me apenas zangada. A raiva era a única emoção que os miúdos da família Angel tinham permissão para sentir de quando em vez. Provavelmente porque a raiva produz adrenalina, e a adrenalina pode ser muito útil. Quer se esteja a abrir caminho por um campo de futebol americano profissional com dois defesas de cento e quarenta quilos atrás de nós, a tocar Mozart no Carnegie Hall, a resolver problemas de cálculo complexos à secretária ou a navegar pela natureza selvagem de selvas por cartografar, a adrenalina é uma coisa boa para se ter por perto.

E, como é evidente, Malcolm e Maud sabiam disso. Formulavam os nossos estimulantes e tranquilizantes para um desempenho perfeito.

Recompensavam a excelência com prêmios extravagantes a que davam o nome de Grandes Gongos e reagiam ao fracasso com castigos radicais chamados Grandes Cortes. E todas as emoções, como a empatia, a tristeza, até mesmo a *alegria*, eram fracassos. Coisas escusadas. Que não serviam para os seus pequenos protegidos.

Até que Malcolm e Maud foram desta para melhor. E eu comecei a tomar decisões pela minha cabeça.

Agora passaram três meses e, sim, já sinto coisas, é verdade. Sinto remorso e entusiasmo e nervosismo. Sinto felicidade e incerteza e falta de confiança. Por vezes, há até uma certa sensação de esperança. É tudo emoção, a toda a hora, e, para ser sincera, há alturas em que só me ape-tece emborcar outra vez uma carrada de comprimidos daqueles para ter um bocado de paz.

Mas a pior de todas estas novas emoções é o medo. Não suporto sentir medo. E ultimamente ando assustada *a toda a hora*. Tenho medo pelo meu irmão Matthew e do que lhe vai acontecer. Tenho medo por Hugo, o meu irmão mais novo, e por Harry, o meu irmão gémeo, e tenho medo do que irá acontecer se formos expulsos do apartamento e atirados para lares de acolhimento e escolas públicas. Nem sequer quero saber o que aconteceria se algum deles se deparasse com um rufia a sério. Harry era capaz de se dissolver numa bola disforme no chão e levar um pontapé no rabo, enquanto Hugo provavelmente — não, *decididamente* — se transformaria em Hulk para desfazer membro a membro fosse lá quem fosse. E aí eu ficaria com *dois* irmãos atrás das grades.

E é claro que também me aterroriza a possibilidade de nunca mais voltar a ver James.

James Rampling. O único rapaz que amei e a única pessoa (além da minha irmã mais velha, Katherine, que morreu há uns anos) a quem poderia confiar todas estas emoções... se fizesse alguma ideia de onde poderia encontrá-lo.

Esse será talvez o maior medo de todos — o de nunca mais voltar a viver um amor verdadeiro. Só a ideia me deixa o estômago apertado, o coração aos saltos e a cabeça a mil à hora.

Está a ver? Medo. Não o suporte. E se as coisas não acalmam em breve, poderá ser a única emoção a convencer-me a voltar a ser o pequeno robô bonzinho de Maud e Malcolm. A voltar às drogas.

A voltar a estar entorpecida.

# 1

**TRABALHO  
DE  
DEDUÇÃO**

# 1

O taxista conduzia com os dois pés grandes e gordos, pisando bruscamente no travão e no acelerador ao mesmo tempo e deixando-me indisposta. Quando o táxi parou com um solavanco no semáforo da Columbus Circle, o meu *iPhone* tocou. Tirei-o da mala.

Era C.P. Graças a Deus.

Depois de uma vida inteira com os outros miúdos a considerarem-me robótica e esquisita, fiz finalmente uma amiga na escola. Claudia Portman, conhecida por C.P., era uma rainha do baile caída em desgraça que perdeu o seu trono no ano passado, depois de copiar nos exames finais e de ter sido denunciada pelo seu grupo de amigas. Devido a um enorme donativo que os pais entregaram à nossa escola, ela pôde ficar a fazer o 11.º ano, mas viu-se livre das amigas e tornou-se uma solitária assumida, até ao dia em que eu fui ilibada do assassinato dos meus pais e ela se sentou à minha mesa ao almoço. «Chega-te para lá», dissera ela. «Nós, as criminosas, temos de permanecer juntas.»

E, mesmo não sendo uma criminosa, eu ri-me.

— Então, T! — disse ela, em jeito de cumprimento. — Já leste?

— Li o quê? — perguntei, ainda distraída por causa da conversa com Matthew. Havia hordas de gente a sair em corrente do metro e a atravessar-se à frente do meu táxi.

— Sabes *exatamente* do que é que eu estou a falar — lamuriou-se. — Vá lá, Tandy, faz um esforço. *Preciso* de discutir com alguém esta atrocidade contra a palavra escrita!

Certo. O romance era mais um exemplo de prosa cor-de-rosa viçante e extremamente sensual que estava a ter um êxito estrondoso

em dezenas de línguas (algumas das quais eu já dominara). C.P. tinha descarregado o e-book para o meu *tablet* mas eu apagara-o de imediato, na esperança de que ela se esquecesse de me pedir a opinião. Não era propriamente o tipo de coisa que me dava prazer ler.

De repente, o motorista pisou com força no acelerador e o táxi arancou de rompante, fazendo-me subir o estômago à boca.

— Pego nele em breve — disse eu —, mas sabes que não faz muito o meu género. — Fizemos uma curva a uma velocidade aproximada de Mach 20 e eu senti-me feliz por estar desde o pequeno-almoço sem comer. — Estou quase em casa. Podes ligar mais tarde?

— Claro! Mas só se já tiveres lido pelo menos cinquenta páginas! — respondeu ela.

Revirei os olhos e desliguei.

Doze nauseantes quarteirões depois, paguei ao taxista através da divisória e saí na esquina entre a Seventy-second e a Central Park West, dominada pelo Dakota. Nós morávamos no cimo da infame cooperativa de habitação — infame por alojar a elite social e por ter sido o cenário de alguns homicídios mediáticos no último meio século. O nosso apartamento ficava aninhado mesmo debaixo dos intrincados frontões e cumeeiras vitorianos.

Contudo, os nossos pais haviam sido tudo menos vitorianos nas suas opções de decoração. Tinham enchido a casa com todo o tipo de objetos, desde um piano de cauda a um candeeiro em forma de OVNI e uma mesa de centro cheia de tubarões-pigmeus (agora já libertados) e dezenas de outros inestimáveis — e estranhos — artigos de arte contemporânea.

Aconcheguei-me ao colarinho subido do casaco, com a cara para baixo, tentando escapar aos muitos fotografos alinhados junto ao portão e conseguir meter-me logo por ele, mas nem sequer lá cheguei. Harry bloqueou-me o caminho, com os seus caracóis escuros soprados pelo vento gélido.

— Tandy, não vais acreditar. — Agarrou-me no braço e conduziu-me pelo passeio, segurando-me junto a ele enquanto combinávamos automaticamente a passada. — A Adele Church está morta.

Virei-me para olhar para ele. Não havia sinal de gozo no seu atraente rosto juvenil. Não que isso me surpreendesse. Harry não era gozão nem mentiroso. Nem sequer era grande contador de histórias.

— Não pode ser — disse eu, por fim. — Eu vi-a hoje de manhã.

— Foi morta a tiro há coisa de cinco minutos, Tandy. Está no parque. O corpo dela, quero eu dizer. Ainda lá está.

O mundo inteiro ficou turvo.

Aquilo não estava a acontecer. Outra vez, não.



## 2

— Como é que tu?... — perguntei ao meu irmão, com a boca seca.

— Ninguém me contou — disse ele, enquanto vasculhava o bolso. — Tirei esta foto.

Harry mostrou-me a fotografia que tinha no telemóvel. Senti um aperto no meu estômago já de si enfraquecido e agarrei-me ao braço dele para me equilibrar.

— Desculpa — disse ele, cerrando os dentes. — Devia ter-te avisado de que a coisa era feia.

— Não faz mal — respondi, aclarando a garganta. Virei-me e encaminhei-me para o parque. — Vamos embora.

Contra a luz, demos uma corrida pela vasta extensão da parte ocidental do Central Park e entrámos no parque por um trilho de asfalto. Harry conduziu-me para a direita, passando pelo carrinho de rosquilhas que Hugo adorava, e corremos os quase trinta metros que atravessavam um túnel de árvores até ao monumento fúnebre em honra de John Lennon no Strawberry Fields, passando disparados por pessoas que passeavam, faziam *jogging* e andavam de patins.

A localização do corpo de Adele era evidente. Os abutres já lá andavam a rondar. E quando falo em *abutres*, refiro-me à imprensa.

Abri caminho à cotovelada através de um grupo de turistas coreanos de câmaras dos telemóveis em riste e consegui arranjar uma linha de visão para o famoso mosaico com a palavra «Imagine» escrita no meio.

O corpo de Adele Church estava ali, mesmo no centro.

A foto desfocada do telemóvel de Harry não me tinha preparado de modo algum para a realidade. Adele estava deitada de costas, como

se tivesse caído do céu. Buracos negros de bala tinham-lhe perfurado o peito e o abdômen, e o seu casaco axadrezado cor-de-rosa e branco estava ensopado em sangue. Eu encontrava-me perto o suficiente para interpretar a expressão de Adele como total incredulidade, ainda que os seus arregalados olhos azuis tivessem perdido o brilho com a morte.

Senti a bília a subir-me à garganta, levando-me lágrimas aos olhos. Virei-me para Harry e encostei a cara ao seu ombro, mordendo o lábio com força para tentar impedir-me de chorar.

Era um daqueles momentos. Um daqueles momentos em que teria dado tudo para não sentir. Não conseguia perceber porque é que alguém haveria de querer matar a doce e totalmente inócua Adele. Apetecia-me estrangular todos os membros da crescente multidão de turistas que se posicionavam para obter um melhor ângulo do pobre corpo destruído.

Acima de tudo, apetecia-me gritar-lhe para se *levantar*. Que aquilo não podia ter acontecido. Não a alguém que eu conhecia. Não a alguém da nossa idade.

Não a uma das muito poucas pessoas da escola que de vez em quando eram simpáticas para mim.

— Respira fundo, Tandy — sussurrou Harry, o que era estranho, tendo em conta que quem costumava estar sempre à beira de um esgotamento nervoso era ele, não eu. — Concentra-te noutra coisa. O que é que achas que lhe aconteceu?

Harry conhecia-me tão bem. Reunir e encaixar indícios iria manter-me concentrada. Levar-me-ia a sentir que eu podia fazer alguma coisa. E eu era a favor da eficiência e da produtividade.

Virei-me para olhar para o corpo, tentando obrigar-me a uma fria indiferença, e fui bem ao fundo do meu analítico hemisfério cerebral esquerdo.

— Há imenso sangue — disse eu, entre dentes. — Ela não teve morte imediata. Três tiros; e o coração continuava a bombear depois dos primeiros dois, pelo menos. Ela sabia o que estava a acontecer. Sabia que estava a ser...

Parei para aclarar a garganta. Não queria ir por aí.

— Pergunto-me se terá visto o atirador.

Harry franziu o sobrolho de modo ponderoso. Ia perguntar-me qualquer coisa, quando se ouviu o estrépito das sirenes da polícia, que sobressaltaram toda a gente. A multidão dispersou quando os carros-patrolha e os polícias à paisana chegaram ao local do crime. Quando os primeiros agentes saíram do seu *Chevy* cinzento, fiquei paralisada. Era o sargento Capricorn Caputo e o seu parceiro, o detetive Ryan Hayes — os primeiros dois polícias a chegarem ao local da morte dos meus pais.

Caputo era alto e desconchavado, com uma linha do maxilar rígida, cabelo preto e lustroso e uma indumentária negra. Além disso, era um parvalhão. Orgulhava-se de ser o durão, e o seu comportamento podia desviar-se do grosseiro para o absolutamente maléfico. Ainda assim, qualquer pessoa tão observadora como eu repararia nas peúgas axadrezadas que espreitavam junto das bainhas das calças, o que retirava severidade à sua personagem austera. Embora o detetive Caputo fosse um chato, era focado. Vivia o seu trabalho.

O parceiro, o detetive Hayes, era o oposto: um homem consistente, competente e amável, o tipo de pessoa que nos deixa completamente à vontade. O Hayes era uma boa alma, e eu estava contente por ele também estar com o caso de Adele. Embora, tecnicamente, não tenha sido ele a resolver os «assassinatos» dos nossos pais.

Fui eu.

— Sargento Caputo! — chamei.

Ele viu-me e semicerrou os olhos redondos, sem nunca os tirar do meu rosto enquanto abria cuidadosamente caminho em torno do corpo de Adele.

— Estás presa, Taffy.

Caputo não tinha qualquer problema em lembrar-se do meu nome, mas adorava meter-se comigo.

— Ena. Ainda com a mesma piada, hã? Deixou de ter graça há uns três meses.

O olhar dele passou pelo Harry e voltou para mim.

— Por favor. Tu não tens um único osso engraçado nesse teu corpo escanzelado.

Suspirei.

— Então, quer saber o que se passa aqui ou quer perder mais tempo a arranjar diminutivos foleiros?

— Conheces esta rapariga? — perguntou ele, interessado.

— Chama-se Adele Church — disse-lhe eu.

— Era nossa colega de escola — acrescentou Harry.

— Que mais sabem acerca da menina Church? — perguntou Caputo, abrindo o bloco de notas e rabiscando o nome dela.

— Era muito querida — disse eu. — Morava na Seventy-ninth, parece-me. O irmão mais velho acabou o secundário no ano passado.

— Tocava flauta — acrescentou Harry. — E era um espetáculo em Sociologia.

— Fazem alguma ideia por que razão alguém haveria de lhe querer fazer mal? — perguntou Caputo.

Ouvimos mais sirenes, com sons ainda mais estrepitosos, quando chegou a carrinha do médico legista. Mais polícias saíam dos carros-patrolha, delimitando um perímetro com uma fita amarela em torno do corpo e enxotando os curiosos.

— Toda a gente gostava dela — disse eu. — Mas eu acho que ela viu o assassino. Talvez o conhecesse.

O rosto de Caputo endureceu com um escárnio não reprimido.

— Não tenho tempo para as tuas teorias amadoras com disfarce de profissional, Tallulah.

— Sabe bem que não é isso, Caputo. — Dei-lhe o meu cartão. — Eu quero ajudar.

Olhou de relance para o meu cartão e fez um sorriso trocista.

— «Tandy Angel, Detetive. Mistérios Resolvidos, Casos Encerrados» — leu ele. — Eu estava enganado. Afinal, és hilariante, T-bone. — Desviou rapidamente o olhar de mim para o Harry e guardou o cartão no bolso. — Prazer em ver-vos.

— Devia telefonar-me — gritei-lhe, enquanto ele virava as costas. — As consultas são grátis para todos os detetives sem pistas chamados Caputo!

Ele limitou-se a continuar a andar.

— Aquele homem vai entrar no nosso apartamento e matar-te durante o sono, sabes disso, não sabes? — disse Harry.

Fiz um sorriso trocista.

— Gostava de o ver tentar.

# CONFISSÃO

Posso ter parecido confiante a Caputo e a Harry ao entregar o meu cartão, mas a verdade é que não estava. No instante em que o cartão tocou nos dedos secos e rugosos de Caputo, houve algo dentro de mim que se sobressaltou, como o que nos acontece ao coração quando saltamos de uma ponte sem mais nada a não ser um elástico amarrado aos pés.

Foi aí que me apercebi: talvez eu *não fosse* uma boa detetive. Já não.

Sim, até mesmo Capricorn Caputo teria de admitir que, sem mim, o mistério da morte dos meus pais poderia nunca ter sido resolvido. Mas isso foi antes. Quando eu ainda andava cheia de *Num, Lazr, Focus* e outros preparados secretos da Angel Pharmaceuticals. Agora que estava livre das drogas, conseguia *sentir* tudo, mas possuiria ainda a mente apurada e racional de um detetive de primeira?

As minhas notas pareciam indicar que sim. Mas toda a gente podia ter notas máximas. Em termos técnicos, na sua maioria, os miúdos que eu conhecia eram génios, a acreditar nos resultados de QI. Até mesmo C.P. Provavelmente, até Adele. Mas nos últimos tempos passava-se algo que começava a incomodar-me seriamente.

Eu andava a ter uns sonhos. Sonhos com James. E sempre que acordava de um desses sonhos, sentia dificuldade em perceber se se tratava de facto de um sonho ou se era na verdade uma lembrança.

É esse o meu maior e mais negro segredo, meu amigo. Acho que a minha mente começava a pregar-me partidas. E eu sentia que sabia quem devia culpar por isso. Os meus pais. E Fern Haven. E aquele horrível Dr. Narmond.

Mas essa história fica para outra altura.

# 3

Olhei para Harry no caminho de volta ao Dakota. Tanto eu como Harry tínhamos olhos e cabelos escuros e éramos ferozmente leais um ao outro. Não havia ninguém no mundo que fosse tão amigo e confidente como nós éramos um com o outro. Ainda assim, eu gostava que tivéssemos aquela coisa da telepatia entre gémeos de que se está sempre a ouvir falar, mas não tínhamos. Provavelmente porque, tirando os superficiais traços físicos e a já referida lealdade, não podíamos ser menos parecidos.

Harry era sossegado. Era macambúzio. Tinha tendência para a preguiça. Era asmático, dormia muito e deitava-se tarde sempre que podia. Mas Harry também era simpático.

Sim, para grande desilusão dos meus pais, Harry nasceu muito emotivo, e, embora fosse um pianista de classe mundial capaz de levar às lágrimas a plateia do Lincoln Center, Malcolm e Maud descreviam-no como sensível, sentimental e fraco. Nunca ganhara um Gongo nem recebera um Corte, e nem mil milhões de comprimidos supressores de emoções lhe haviam diminuído um só raio do seu brilho.

Na minha opinião, isso fazia-o ganhar muitos pontos.

Eu era o reverso da medalha. Acordava de madrugada. Por vezes, antes mesmo que alguém começasse a espreguiçar-se, já eu estava a cozinhar elaborados pequenos-almoços de papas de aveia com alperce e *chai*, acompanhadas de sumo de laranja acabado de fazer. Vivia para uma complexa experiência de química e averiguava os livros de contas do meu pai só por prazer — isto antigamente, quando ele me deixava. Era conhecida por ser facilmente irritável, e de vez em quando a



minha brusquidão era interpretada como... bem... má-criação. Nunca andava ali às voltas quando podia ir direta ao assunto, e nunca ninguém me disse que era simpática.

Para os meus pais, *isso* fazia-me ganhar muitos pontos.

Além disso, desde os meus seis anos que estudava ciência forense como hobby, e a partir dos oito comecei a resolver todos os mistérios que lia ou via na TV. Agora só esperava ainda ter esse talento. Que o facto de largar as drogas não mo tivesse tirado.

Harry segurou no portão para eu entrar e esgueirámo-nos para o pátio, ignorando os *flashes* das máquinas fotográficas em nosso redor. Em vez de pensar em mim ou em Harry ou Matthew, estava a pensar em Adele. A Adele, de bom ouvido e riso fácil. A Adele, que tocava na orquestra, andava sempre vestida de cor-de-rosa e pendurava fotografias de compositores e realizadores de cinema no cacifo. Podia ter feito qualquer coisa, sido o que quisesse, tido uma ótima vida.

Já não teria nem mais um dia. Nem mais um minuto.

Pode dizer que eu sou doida, mas eu queria — não, eu *precisava de* — fazer qualquer coisa em relação a isso. Só esperava que o meu novo e talvez melhorado eu livre de drogas ainda fosse capaz.

# 4

Coloquei a chave na fechadura do apartamento 9G, o duplex onde eu, Harry e Hugo em tempos tínhamos vivido com os nossos pais mas onde agora sofríamos diariamente com o nosso horrível tio Peter, até o tribunal decidir o que haveria de ser de nós. Mas, antes que eu rodasse a maçaneta, a porta abriu-se e um homem alto, moreno e lindo de morrer disse olá.

Os meus ombros retraíram-se. Um estranho no meu apartamento é mau sinal.

— Quem é o senhor?

— Chamo-me Jacob Perlman — disse ele, calmamente. — Trata-me por Jacob. O Peter nomeou-me vosso tutor.

Harry lançou um olhar de dúvida a Jacob.

— Pensava que o nosso tutor era o tio Peter.

— E era. Agora sou eu — disse Jacob, sem nenhuma malícia nos seus olhos castanhos. — Querem entrar?

— Na nossa própria casa? — ripostei. — Claro. Obrigada.

Jacob fez um breve sorriso e recuou para nos deixar passar. Harry, pressentindo que estava quase a saltar-me a tampa, desapareceu rapidamente pelo corredor e foi para o seu quarto.

— O Peter instalou um estranho na nossa casa para tomar conta de nós? — perguntei eu, erguendo os olhos para Jacob e reparando na pequena cicatriz perto da orelha, na linha perfeita do cabelo, na barba bem aparada. — Isso é legal, sequer?

Ele sorriu de modo trocista.

— Tandoori, certo?

Não consegui identificar o sotaque dele, o que era de estranhar, tendo em conta que eu já tinha estado na maior parte dos sítios e falado a maioria das línguas. As rugas que se dispersavam dos cantos dos seus olhos pareciam mais rugas de expressão do que de riso. Era magro e musculado, mas não como se andasse a treinar num ginásio. Era mais como se tivesse tido uma vida fisicamente exigente.

— Sim, sou eu — respondi. — Onde está o tio Peter?

Jacob cruzou as mãos à sua frente.

— Ele não disse.

Espetacular. Então, não tinha apenas deixado um estranho na nossa casa, tinha-o deixado lá sozinho. Como é que eu podia saber se aquele tipo era sequer quem dizia ser? Podia haver uma equipa de ninjas na cozinha, à espera para me esventrar.

Levando em consideração a história da minha família, não era grande exagero.

— Não se importa que... eu lhe telefone? — perguntei, posicionando um pé na direção da porta ainda aberta.

— Estás à vontade — disse Jacob. Foi tão sofisticado e polido, que o candeeiro em forma de OVNI que pendia sobre a sua cabeça, aquele que durante toda a minha vida decorara o nosso vestíbulo, me pareceu subitamente deslocado.

Era homem de poucas palavras. Pelo menos disso eu gostava. Liguei ao meu tio pela tecla de marcação rápida, odiando com todas as minhas forças o facto de ter de o consultar para tudo.

O tio Peter era o absolutamente desprezível irmão do meu pai. Intolerante e grosseiro a ponto de me fazer parecer a Miss Boas Maneiras. Na verdade, todos nós o detestávamos e lhe chamávamos Tio Porco, por vezes na cara dele.

Peter mudara-se para a nossa casa depois da morte dos meus pais, apoderara-se do quarto da minha irmã, que até então fora de acesso absolutamente restrito, e começara a tratar os miúdos da família Angel como a sujidade acumulada debaixo das suas unhas encardidas.

Atendeu ao quarto toque.

— Sim, Tandoori, o Jacob é o vosso novo tutor. Sim, é legal. Se quiseres ver a papelada, pede-lhe. Eu estou ocupado.

Desligou antes que eu pudesse proferir uma palavra sequer. Jacob ergueu uma sobrancelha. Eu aclarei a garganta.

— Ora, muito bem — disse eu, de modo rabugento. — Parece que o senhor é genuíno.

— Fico feliz por isso — disse-me Jacob. — Gostava de fazer uma reunião familiar. Podemos juntar-nos na sala de estar daqui a, digamos, vinte minutos?

Na verdade, já havia uma reunião familiar agendada. Eu tinha de relatar a horrível conversa que tivera com Matty. Mas ainda não sabia bem se queria incluir Jacob Perlman *nessa* conversa.

— Onde é que vai ficar? — perguntei-lhe, quando nos virámos em direção à sala de estar.

— Vou mudar-me para o quarto do Peter.

— Não lhe chame isso — disse eu, bruscamente. — É o quarto da Katherine.

— Peço desculpa — respondeu Jacob de imediato. — O quarto da Katherine.

Semicerrei-lhe os olhos.

— Tenho coisas para fazer.

— Vinte minutos — lembrou-me ele.

— Lá estarei.

Dirigi-me em passo apressado e irritado para o meu quarto azul-celeste, com a sua vista frondosa do nono andar para o Central Park e as prateleiras de corais marinhos. Se eu me pusesse à janela em bicos dos pés, quase conseguia ver o local onde jazera o corpo de Adele Church, com os olhos mortos virados para o céu.

Deixei-me cair sobre a cama e liguei a C.P.

— Já leste? Diz-me que já leste — disse ela, zangada. — Não é simplesmente *horrível*?

— Na verdade, não tive tempo — disse-lhe eu. — A Adele Church morreu, C.P. Foi morta a tiro. Encontraram o corpo dela no parque cerca de dois segundos antes de eu chegar a casa.

— O quê? — questionou C.P. — Estás a gozar comigo?

— Não. Desculpa. Só achei que devia contar-te — respondi.

— Oh, meu Deus. — Percebiam-se bem as lágrimas na sua voz.

— Tandy... oh, meu Deus. E já se sabe quem foi?

— Ainda não — disse-lhe eu. — Mas nós vamos descobrir.

— Que conversa é essa de *nós*? — perguntou ela.

— Logo te explico — respondi. — E prometo que, um dia destes, vou ler o teu mais recente livro de pornografia preferido.

C.P. suspirou.

— Ora, esquece isso — disse ela, com tristeza. — Já perdeu toda a graça.

— Desculpa — balbuciei. — Falamos mais logo?

— Claro.

Desligámos e eu virei-me de barriga para baixo, puxando o portátil sobre a cama para ver que resultados me devolveria o *Google* acerca de Jacob Perlman. Tinha sido o tio Peter a trazê-lo para dentro da minha casa, por isso eu nunca iria confiar nele sem fazer uma meticulosa averiguação do seu historial.

Mas, vai-se a ver, o *Google* estava repleto de informação sobre Jacob.

E quase todas as palavras sobre ele eram impressionantes.

# 5

Jacob Perlman era um comando israelita na reforma.

Sim, leu bem. Um *comando*.

Havia um artigo biográfico inteiro no *New York Times* acerca do fulano. Tinha resgatado reféns a terroristas, desarmado e matado um bombista suicida que apanhara a tentar rebentar com uma feira e evacuado um grupo de miúdos de uma escola meros minutos antes de esta ser atingida por um possante míssil palestiniano.

Portanto, basicamente, se a partir de agora alguém tentasse meter-se com os miúdos da família Angel, levaria uma tarefa. Isso era reconfortante.

Mas porque é que um homem que esmagava terroristas como se fossem moscas haveria de querer fazer de ama-seca de três miúdos colegiais malcriados de Nova Iorque? E como é que o Tio Porco conhecia sequer alguém como ele? Na sua maioria, os conhecimentos do nosso tio eram tão lamurientos e escusados como ele.

Dirigi-me à porta ao lado, ao quarto de Harry, que era espaçoso e moderno e exibia no teto uma das suas espantosas pinturas. Claro que ele tinha adormecido de barriga para baixo na sua cama *king size*. O Harry precisa de grandes períodos de pausa para refrescar a sua mente brilhante, mas achei estranho que ele conseguisse dormir com o espetro de Jacob Perlman a pairar sobre ele.

Acordei-o com um safanão, transmiti-lhe as minhas informações acerca de Jacob e disse-lhe que íamos fazer uma reunião familiar. Depois fui ter ao quarto de Hugo, que estava sentado no seu colchão no chão, com o computador portátil ligado. Depois da morte de Malcolm

e de Maud, Hugo destruiu praticamente tudo o que tinha — os carros *vintage* de brincar, a cama de dossel —, e agora só restavam a *Xbox*, a secretária e a cadeira. Hugo tinha a força de um adulto e usava o cabelo em longos caracóis, ao estilo de Sansão. Era bem-disposto e complacente, e exagerava de cada vez que abria a boca. E também era destemido. A pessoa de quem mais gostava no mundo, sem exceção, era do nosso irmão superestrela de futebol americano, Matthew. Para dizer a verdade, o comportamento do Hugo em relação a Matty roçava a veneração.

— O Matty estava com uma daquelas máscaras de hóquei para não poder morder nem cuspir? — perguntou Hugo, não parando de teclar enquanto falava.

— O Matthew não é o Hannibal Lecter, Hugo. — Sentei-me ao lado dele no colchão. — O que é que estás aí a tramar?

— Estou a montar um site — informou-me ele. — Vou angariar dinheiro para a fiança dele.

O meu irmão de dez anos era assim. Sempre a pensar. Estiquei-me para lhe despentear o cabelo, depois deitei-me de costas no colchão ao lado dele e pus-me a ouvi-lo teclar, enquanto relembrava os bizarros acontecimentos do dia.

Matthew, um possível assassino. Adele morta sem razão aparente. Um estranho a tomar conta da minha casa. Poderia a minha vida tornar-se ainda mais dramática?

Passados alguns minutos, Jacob chamou-nos pelo intercomunicador e todos nos reunimos na sala de estar: eu e Harry a ocuparmos a maior parte do sofá vermelho de pele, Hugo na Cadeira-Porco — uma poltrona cor-de-rosa com pezinhos de porco que ele adorava — e Jacob empoleirado sobre nós num banco alto de cozinha que levava para a reunião.

Perguntei-me o que pensaria Jacob da decoração de Maud. Ela dera primazia a enormes peças de arte e concebera a nossa casa de modo a parecer uma exposição de hiper-realismo do Museu de Arte Moderna. Eram só cores ousadas, estátuas em tamanho real, telas de *pop art* e mobiliário maluco e meio *kitsch*. Nós adorávamos. Mas



a verdade é que só conhecíamos aquilo. Não sei porquê, Jacob parecia-me do tipo de preferir um estilo mais minimalista.

— Primeiro, enviei-te por e-mail a ordem do tribunal que me torna vosso tutor legal — disse ele, olhando diretamente para mim. — E segundo, tenho isto.

Meteu a mão no bolso de dentro do seu casaco caqui e tirou de lá uma fotografia de 10 x 15. Segurou-a pelas pontas com as duas mãos, para que conseguíssemos ver o retrato desbotado de uma mulher na casa dos cinquenta anos. Tinha o cabelo preso num carrapito. Usava uma blusa com um decote profundo e um colar de pérolas barrocas azuis do tamanho de bolas de melão.

Reconheci-a, claro está. Era a mãe do meu pai, elegante e bonita, uma matriarca de trato difícil que morrera antes do nascimento dos miúdos da família Angel. Mas nós ainda nos referíamos simpaticamente a ela como avó Hilda. Havia um bilhete e um envelope da avó Hilda emoldurados na parede das escadas que iam dar à suíte dos meus pais. O bilhete estava escrito à mão, reconhecido com um selo de notário, e acompanhava o testamento da avó Hilda. A missiva era curta e pouco simpática.

«Deixo a Malcolm e a Maud 100 dólares, porque acho que é tudo quanto merecem.»

Os nossos pais tinham-nos dito que a avó Hilda era muito rica mas não aprovava o casamento deles por razões que nunca nos explicaram. Embora ela tenha morrido pouco antes de eles se casarem, o desacordo da avó Hilda fora a inspiração para melhorarem em termos financeiros, e eles assim fizeram — sem a ajuda dela.

Mas, espere lá.

— Porque é que tem uma fotografia da avó Hilda? — perguntou Hugo, dando voz aos meus pensamentos.

— A Hilda esperava que os vossos pais viessem um dia a ter filhos. Ela deu esta foto ao vosso pai, que a deu ao vosso tio Peter, e ele pediu-me que eu a desse a vocês.

Quando virou a foto ao contrário, vi que tinha umas linhas escritas a tinta azul. Jacob leu a inscrição em voz alta.

— «Para os meus netos. Mantenham padrões elevados. Não se desiludam a vocês nem a mim. Hilda Angel.»

— Pois. Era decididamente mãe do pai — disse Harry, com amargura. Tenho a certeza de que ele reparou no facto de a avó ter deixado de fora uma expressão importante antes da assinatura: *com amor*. Ou que tal *beijinhos*? Nós já teríamos dado valor a uns *cumprimentos*.

— E agora — disse Jacob, fazendo deslizar a fotografia sobre a mesa à nossa frente —, vamos ao verdadeiro propósito desta reunião.

## CONFESSA QUE NÃO CONFIAS EM NINGUÉM.

Eis Tandy Angel. O primeiro caso que conseguiu resolver foi o da morte dos seus pais ricos e famosos. Agora tenta ilibar o seu irmão da acusação de ter matado a namorada grávida. Mas Tandy também está em perigo.

## CONFESSA QUE NÃO TE SENTES SEGURA.

Jovens raparigas dos colégios mais exclusivos de Nova Iorque estão a aparecer assassinadas, e a polícia está longe de descobrir o culpado.

## CONFESSA QUE É DEMAIS PARA TI.

Uma das vítimas era colega de Tandy na mesma escola de elite que esta frequenta. Tandy suspeita de um assassino em série, mas a polícia não lhe dá ouvidos. Tandy também não consegue ignorar que ela própria se encaixa no perfil das vítimas.

## CONSEGUIRÁ ELA DESCOBRIR O ASSASSINO ANTES DE SE TORNAR O PRÓXIMO ALVO?

Mais títulos sensacionais de James Patterson,  
o autor n.º 1 em todo o mundo:



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SELER**

os livros em primeiro lugar

20 20 editora

ISBN 978-989-8800-46-6



9 789898 800466

Thriller